

MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO

Grazieli Medeiros Borghezan ¹
Adriana Zomer de Moraes²

Resumo: Este artigo precisamos voltar a entender o que levou a inserção das mulheres no mercado de trabalho e seu posicionamento no contexto familiar. Para compreender como as mulheres percebem suas posições no mercado de trabalho em um município do sul catarinense, a pesquisa utilizou-se do método descritivo, com abordagem qualitativa, por meio de uma entrevista semiestruturada, da qual participaram 14 mulheres. Os resultados indicaram que as mulheres participantes da pesquisa trabalham em sua grande maioria, porém umas optam por cuidar dos filhos e da casa. Para algumas a maternidade está dando espaço a outros objetivos, sendo atrasada por conta da profissão, enquanto para outras se mantém como prioridade. Um aspecto bastante forte foi o sentimento de sobrecarga em relação às suas responsabilidades e, o julgamento social seja qual for o seu posicionamento.

Palavras-chave: Mercado de Trabalho. Jornada de trabalho. Mulheres. Maternidade.

WOMEN IN THE LABOR MARKET

Abstract: This article needs to go back to understanding what led to the insertion of women in the labor market and their positioning in the family context. In order to understand how women perceive their positions in the labor market in a municipality in southern Santa Catarina, the research used the descriptive method, with a qualitative approach, through a semi-structured interview, in which 14 women participated. The results indicated that the women participating in the research work for the most part, but some choose to take care of their children and the home. For some motherhood is giving way to other goals, being delayed due to the profession, while for others it remains a priority. A very strong aspect was the feeling of overload in relation to their responsibilities and the social judgment, whatever their position.

Keywords: Labor market. Workday. Women. Maternity.

Introdução

Historicamente as mulheres adentraram ao mercado de trabalho formal de uma forma diferenciada e, sofreram uma série de preconceitos a partir daí. No início do

¹ Acadêmica de Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão Empresarial. E-mail: grazinhabiju@outlook.com

² Orientadora. Mestra em Educação. Docente de Pós-Graduação UNIBAVE. E-mail: azomermoraes@gmail.com

século passado as convenções sociais indicavam que o marido era o provedor do lar e, que as mulheres não necessitavam ter ganhos financeiros, àquelas que ficavam viúvas empobrecidas pela situação, faziam doces, bordados, davam aulas de piano, entre outras coisas para sustentar seus filhos (PROBST; RAMOS, 2014).

Na verdade, o movimento de entrada das mulheres no mercado de trabalho ocorria quando o homem, por definição o provedor econômico principal ou exclusivo dos rendimentos da família, não conseguia cumprir de forma plena ou adequada essa função, devido a uma situação de desemprego, diminuição da sua remuneração, separação, falecimento ou outras causas (ABRAMO, 2007).

Este cenário, ainda hoje se encontra nas representações e no imaginário de empresários, sindicatos, governantes, homens e mulheres, e mesmo com os avanços percebidos da posição das mulheres no mercado de trabalho, as desigualdades ainda consolidam espaços de preconceitos e, fazem com que mulheres ascendam menos a cargos de liderança e que tenham menores salários em cargos iguais (MORAES; CRUZ, 2018).

Esta compreensão enseja o problema que norteou esta pesquisa, numa tentativa de compreender este fenômeno em um dado local, diante disso a questão que direcionou o estudo foi: Como as mulheres percebem suas posições no mercado de trabalho em um município do sul catarinense?

Esta problemática levou ao objetivo primário do estudo, que objetiva compreender como as mulheres percebem suas posições no mercado de trabalho em um município do sul catarinense, considerando opção ou necessidade de atuar profissionalmente. Para responder a demanda deste objetivo, estruturaram-se objetivos secundários, a saber: caracterizar o mercado de trabalho local e, as mulheres participantes da pesquisa; descrever como estas mulheres percebem suas carreiras profissionais; identificar avanços e recuos no que concerne a relação de homens e mulheres no mercado de trabalho local; diferenciar e aproximar mulheres que possuem a opção ou não de trabalho, e como elas conseguem conciliar sua vida familiar com a carreira profissional.

Este estudo, torna-se importante na medida em que permitirá reflexões sobre a posição das mulheres em relação ao mercado de trabalho, bem como, sobre como elas se sentem em relação a estar ou não trabalhando. Afinal, os indicadores sociais das mulheres no Brasil apontam que hoje no Brasil as mulheres são mais

escolarizadas do que os homens, mas isso ainda não está refletido no mercado de trabalho [...]. Nesta direção, Cobo (2018, 4 apud IBGE, 2016), nos traz o questionamento “Ela está chegando mais escolarizada, então por que o rendimento ainda não está similar? Muito provavelmente ela está escolhendo ocupações que precisam de uma jornada de trabalho mais flexível porque ainda tem a carga de afazeres domésticos extremamente pesada”. Outro fator que, torna esta investigação importante é que a PNAD (IBGE, 2016) aponta que as mulheres brasileiras ganham, em média, 76% da remuneração masculina.

Neste sentido, o estudo percorre um caminho teórico que passa pela importância do trabalho e, ao mesmo tempo sobre a trajetória das mulheres no mercado de trabalho que foram norteadores da análise do conteúdo advindo da pesquisa.

Inserção das mulheres no mercado de trabalho

O primeiro relato da inserção da mulher no mercado de trabalho foi durante a primeira guerra mundial (1914-1918). Neste período, além da função de enfermagem, as mulheres ocuparam postos de trabalho nas indústrias de confecção, produzindo uniformes para soldados, paraquedas e outros artigos têxteis e para o vestuário. As mulheres foram solicitadas também nos meios rurais, setor de extrema importância para a sobrevivência da população e que não poderia paralisar suas atividades enquanto a guerra persistia (THEBAUD, 1991).

Ao final do século XIX houve um crescimento substancial da participação das mulheres no mercado de trabalho em virtude da expansão industrial e urbanização no país, causando transformações no mundo e na vida de homens e mulheres (VASCONCELOS, 2013). Segundo Rago (2001), entre final do século XIX e as primeiras décadas do século XX no Brasil, grande parte do proletariado era constituído por mulheres e crianças imigrantes, por representarem um grande percentual da força de trabalho disponível e de pouco custo. Na época, a política adotada pelo governo brasileiro era atrair milhares de migrantes europeus, tanto para trabalhar nas lavouras, quanto nas fábricas que surgiam nas cidades substituindo por sua vez, a mão de obra escrava (VASCONCELOS, 2013).

No período da industrialização, as mulheres se inseriram mais fortemente no mercado de trabalho. Nesse período passa a ser exigido um perfil de mão de obra

multe especializada, com capacidade para desenvolver várias tarefas de forma criativa, portanto, segundo Abramo (2007), neste período houve um aumento da participação feminina no mercado de trabalho, bem como das horas diárias e semanais dedicadas ao trabalho. A mulher passa a ser o principal alvo, em consequência da associação dessas exigências a qualidades atribuídas a mulher, tais como, presteza, polivalência e a sua prática cotidiana de adaptação em muitas tarefas, chegando até a tripla jornada de trabalho (VASCONCELOS, 2013). Neste período, o perfil das mulheres no mercado de trabalho passa a ser de mulheres com maior idade, casadas e mães. (VASCONCELOS, 2013).

Nos dias atuais, segundo pesquisa do IBGE (2019), as mulheres trabalham, em média, três horas a mais por semana do que os homens, além disso, deve-se considerar que mulheres dedicam em média dezoito horas por semana ao cuidado de pessoas e aos afazeres domésticos. Mesmo assim, e ainda contando com um nível educacional mais alto, elas ganham 76,5%, em média, do rendimento dos homens. Ainda, segundo a pesquisa, apenas 39,1% dos cargos gerenciais são ocupados por mulheres.

Mesmo diante das dificuldades encontradas para inserção no mercado do trabalho, um estudo realizado por Santos (2012) ressalta que há um gradativo aumento da presença feminina nesse processo de inserção e que a maioria das mulheres em idade de 15 anos ou mais se encontram economicamente ativas, isso significa que, ou estão trabalhando ou estão à procura de trabalho. As mulheres representam atualmente 45% da População Economicamente Ativa (PEA) do estado de SC.

A pesquisa demonstrou que a presença das mulheres no mercado de trabalho representou uma mudança significativa na história. O trabalho, fora de casa, constituiu um importante mediador para que as mulheres exercessem atividades além dos muros de suas residências, ocupando posições sociais e atividades profissionais de forma relevante.

Trabalho e subjetividades

O conceito social de trabalho, em sua origem etimológica, vinculava-o a uma forma de tortura e, com o passar dos anos sua definição foi gradativamente transformando-se e, hoje pode significar energia física ou intelectual utilizada pelo

homem para produzir algo produtivo. Hoje a palavra trabalho tem muitos significados, algumas vezes mostra-se carregado de emoção em outras é objeto de cultura, já no dicionário aparece como aplicação de forças humanas para alcançar um determinado fim, pode significar também um conjunto de discussões de uma sociedade ou pode ser visto como uma dificuldade ou incômodo (ALBORNOZ, 2017).

Para Marx, o trabalho configura-se como atividade social, que demonstra a ação humana sobre a natureza e, ao mesmo tempo, constitui a subjetividade ou a consciência. Isso o que acontece por meio das relações que estabelece com outros homens, com ele mesmo e com o trabalho, em síntese, “[...] “o que é produto da relação do homem com o seu trabalho, produto de seu trabalho e consigo mesmo, vale como relação do homem com outro homem, com o trabalho e o objeto do trabalho de outro homem” (MARX, 2004, p. 86). Marx caracteriza o trabalho, por meio da interação entre o homem e a natureza, na busca de transformar a natureza em bens necessários (COLMÁN; DALA POLA, 2009).

O conhecimento da humanidade se constrói devido às relações estabelecidas entre o homem e a natureza, por meio do trabalho, e entre o homem e os demais homens – pela necessidade de articulação do trabalho. De tal modo, o trabalho tem ligação direta com a definição de quem o homem é, pois esse assegura que aconteçam relações materiais e sociais do homem no meio em que está inserido, num processo compreendido pela modificação do homem em suas formas de interação com a natureza e com os demais homens (LUKÁCS, 1979; 1981).

Pelo trabalho, o homem interage com o meio e com os demais homens através de relacionamentos onde há troca de modos de ser, estar e agir. Segundo Lukács (2010), ao executar o trabalho fundante, nos admitimos criativos, seres pensantes, utilizadores de experiências anteriores e da interação com a natureza e com os demais homens para a modificação de coisas e de si. Com isso, deixamos de atender unicamente às necessidades biológicas, para assumir a complexidade de ser evoluciente pela sociabilidade – tornamo-nos um ser social (LUKÁCS, 2010).

A categoria trabalho ocupa um lugar fundamental na construção da sociedade, isso fica perceptível se analisarmos a história, esta construção acontece por meio de transformações sociais e tecnológicas que além de modificar a condição ocupacional das pessoas, altera suas referências e valores, mudando as formas de ser e estar no

mundo, assim como, as formas de organização social (KUHNNEN; CRUZ; TAKASE, 2009).

Mulheres no mercado de trabalho

Segundo Fontoura e Gonzalez (2009) o mundo do trabalho é um dos campos da vida social de maior importância. O trabalho é uma categoria central na vida das pessoas, fundamental para a construção da autonomia dos indivíduos, reconhecimento social, elevação da autoestima, construção de redes de convivência, acesso a bens de consumo, e constituição de identidade pessoal.

O trabalho é compreendido como um componente da realidade social construída e reproduzida, que interage com diferentes variáveis pessoais e sociais e influencia as ações das pessoas e a natureza da sociedade num dado momento histórico. Os valores relacionados com o trabalho se estabelecem por intermédio da educação na infância e na adolescência e tem efeito durável na personalidade das pessoas, mas se modificam e se adaptam nas diferentes etapas da vida e em situações sociais distintas. O sentido do trabalho influencia as formas de atividade laboral, a flexibilidade e a produtividade dos trabalhadores, pois afeta as crenças sobre o que é legítimo e o que se pode tolerar do trabalho (MOW, 1987).

Considerando tais questões, cabe colocar que o trabalho para a mulher a posiciona no mundo, ou seja, permite que ela direcione sua própria vida. Entretanto, aspectos históricos e culturais marcaram a trajetória das mulheres no mercado de trabalho, demonstrando que a entrada das mulheres no mercado de trabalho aconteceu de forma precária (IPEA, 2009).

Para compreender tal fenômeno, torna-se fundamental um recorte histórico. Maia e Lira (2004) apontam que a inserção da mulher no mundo do trabalho, ao longo desses anos, vem acompanhada de elevada discriminação, não só em relação à qualidade de ocupações que têm sido criadas tanto no setor formal como no informal, mas no que se refere a desigualdade de remuneração entre homens e mulheres.

Para Margareth Rago, as duas grandes guerras mundiais além dos horrores com os quais marcaram a história da humanidade, produziram também muitas, profundas e irreversíveis mudanças de comportamento. Nestes momentos da história os homens convocados a defender suas pátrias, deixam suas casas e, às mulheres fica a incumbência de ocupar de algum modo os espaços desta ausência. Neste

momento “[...] regras e valores da sociedade ficaram de lado, em alguns casos, porque era necessário e urgente contar com a força de trabalho feminina [...] O grande peso que as guerras têm é que elas quebram um imaginário, uma mentalidade, uma cultura que achava, desde o século 19, que lugar da mulher é em casa” (RAGO, 2015, s.p.).

As guerras redesenham cenários e, relações, a partir delas, as mulheres gradativamente vem ocupando espaços diferenciados no mercado de trabalho. Entretanto, mesmo diante de avanços significativos ainda existem desigualdades. Hirata e Kergoat (2007) apontam que a histórica predominância dos homens no mercado de trabalho hoje se consolida nas diferenças relativas a cargos, especialmente, lideranças e, também a remuneração.

Neste sentido, Sousa e Guedes (2016) indicam que o avanço das mulheres em direção ao espaço público por meio de atividades profissionais não diluíram suas responsabilidades quanto ao espaço privado, como atividades domésticas e cuidados dos filhos, o que leva a uma possível sobrecarga.

O que ocorre nesse contexto é a chamada divisão sexual do trabalho descrita por Vasconcelos (2013). Essa divisão apresenta algumas características que envolvem a dominação e a exploração das mulheres no mercado de trabalho. Dominação, pois, quando as mulheres se detêm apenas ao trabalho doméstico para sua família perdem autonomia econômica, tornam-se dependentes e subordinadas a quem garante sobrevivência familiar, em geral, os homens, marido, filhos, etc. Já a exploração é resultado da dupla ou tripla jornada de trabalho, uma vez que, quando as mulheres decidem conquistar autonomia financeira, trabalhando no espaço público, são submetidas a uma jornada de trabalho junto à família e outra para ter renda (VASCONCELOS, 2013). E, a divisão sexual do trabalho ainda se objetiva nas relações de trabalho contemporâneas, segundo relatório da Organização Internacional do Trabalho (2018) as mulheres são menos propensas a participar do mercado de trabalho do que os homens e têm mais chances de estarem desempregadas na maior parte dos países do mundo.

Inserção das mulheres no mercado de trabalho brasileiro

No Brasil os indicadores apontam o avanço das mulheres no mundo do trabalho consolidando-se a partir da década de 70. Segundo D’ALONSO (2008), o Relatório sobre Desenvolvimento Humano do PNUD (Programa das Nações Unidas

para o Desenvolvimento), de 1998, revelou que no Brasil as mulheres representavam 44% da força de trabalho, proporção essa superior a de países como o Chile (36,6%), Argentina (34,3%), Venezuela (42,1%) e México (38,4%), e até mesmo à de alguns países europeus, como Espanha (24,3%) e Grécia (26,5%).

No Brasil, segundo dados do IPEA (2016), as mulheres dedicam-se aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos cerca de 73% a mais de horas do que os homens (18,1 horas contra 10,5 horas). Mesmo em meio a tantas transformações sociais ocorridas ao longo do último século sob a perspectiva de gênero (maior participação das mulheres no mercado de trabalho, crescente escolarização e maior acesso a informação), as mulheres seguem dedicando relativamente mais tempo aos afazeres domésticos e cuidados, qualquer que seja o grupo de idade observado.

Outro dado relevante do IPEA (2009) é que mulheres que necessitam conciliar trabalho remunerado com os afazeres domésticos e cuidados, em muitos casos acabam por trabalhar em ocupações com carga horária reduzida.

Bruschini e Lombardi (2003), afirmam que o significativo aumento da inserção feminina na atividade produtiva se deve à necessidade econômica decorrente das mudanças no mundo do trabalho, entretanto, indicam que as transformações demográficas, culturais e sociais no perfil das famílias brasileiras corroboram em muito com tais questões.

Procedimentos Metodológicos

As pesquisas que se pretendem científicas devem ser norteadas por um método que possibilite direcionar o estudo dentro de parâmetros rigorosos, que garantem a credibilidade do estudo.

O presente estudo diz respeito a uma pesquisa de cunho exploratório. Segundo Gil (1999), as pesquisas exploratórias têm como finalidade principal a aproximação ao fenômeno estudado, observando-se características, percepções e significados. Este formato de pesquisa, procura aproximar-se de um fenômeno ou situação em detalhe, especialmente o que está ocorrendo, compreendê-lo melhor. Utiliza-se esse tipo de pesquisa quando não há informações estruturadas o suficiente para que seja possível conduzir uma pesquisa descritiva ou experimental, ou quando o interesse do projeto é justamente obter um volume de informações que explorem em profundidade como dado fenômeno ocorre (Malhotra, 2006).

Quanto a abordagem de pesquisa este estudo será qualitativo, compreendendo-se que se constitui qualitativo na medida em que aprofunda as análises a partir das referências advindas do conteúdo empírico considerando as especificidades de sujeitos e grupos. Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa, o que significa que os pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. Seguindo essa linha de raciocínio, Vieira e Zouain (2005) afirmam que a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles.

Para a coleta de dados, neste estudo, utilizou-se uma entrevista semiestruturada, elaborada pelas autoras, instrumento este que é constituído de perguntas norteadoras, mas, que permitem flexibilidade ao pesquisador (MARCONI; LAKATOS, 2007).

A pesquisa em um município do sul catarinense com excelente desenvolvimento empresarial e, as entrevistadas foram 14 mulheres escolhidas aleatoriamente e, por acessibilidade.

Análise e discussão dos resultados

A pesquisa estruturou-se em torno de seus objetivos permitindo a compreensão da amostra por meio das características das mulheres que participaram do estudo e, também a compreensão dos conteúdos que vieram a partir de suas percepções e, que constituem os resultados que seguem analisados.

Dados de estratificação da amostra

Os dados específicos obtidos por meio do questionário como instrumento de pesquisa do presente estudo revelaram alguns dados interessantes. Em relação ao estado civil, as participantes se dividem em: dez casadas, três em união estável e, uma amasiada.

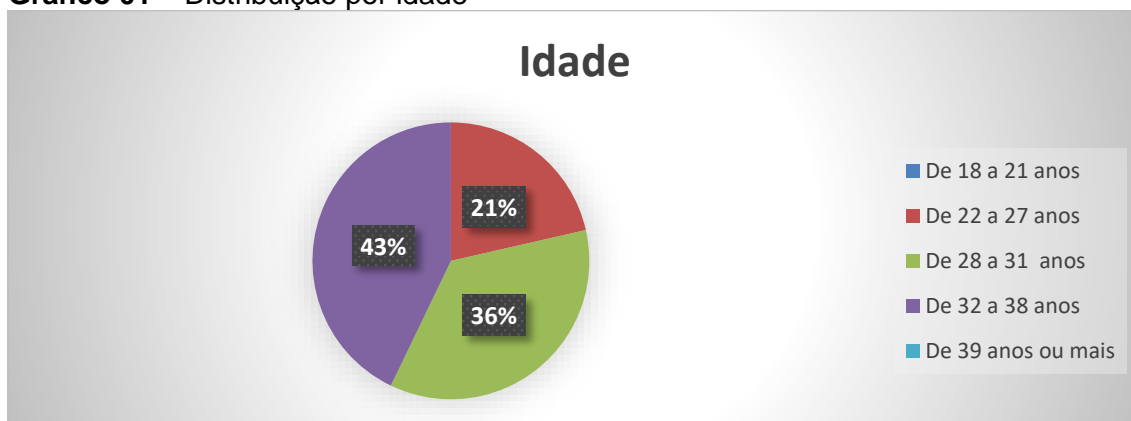
Quanto a situação de trabalho exercida pelas mulheres, houve uma diversidade de respostas: seis em atividade profissional remunerada como: comércio, auxiliar administrativo, banco, empresa de confecção. Duas que trabalham como profissional autônoma em casa (empresa familiar), conciliando afazeres domésticos, cuidados dos

filhos, uma profissional liberal, duas que não possuem atividade profissional no âmbito público, exercendo atividades domésticas / cuidado do lar, três que trabalham como profissionais autônomas, vendendo roupa, fazendo bordados, pães e, conciliando atividades domésticas / cuidado do lar.

Participantes	Estado Civil	Situação de trabalho
Vilma	Casada	Em atividade profissional remunerada
Vandresa	Casada	Em atividade profissional remunerada
Maiara	Casada	Em atividade profissional remunerada
Fernanda	União estável	Em atividade profissional remunerada
Sabrina	União estável	Em atividade profissional remunerada
Sofia	Amasiada	Em atividade profissional remunerada
Catarina	Casada	Autônoma a do lar / Empresa familiar
Maristela	Casada	Autônoma a do lar / Empresa familiar
Valentina	Casada	Profissional Liberal
Bernadete	Casada	Do lar
Roberta	União Estável	Do Lar
Nadia	Casada	Profissional Autônoma e do lar
Francisca	Casada	Profissional Autônoma e do lar
Lurdes	Casada	Profissional Autônoma e do lar
Os nomes utilizados nesta tabela e, no decorrer deste trabalho, são fictícios para preservar o sigilo e, o participante da pesquisa.		

Outros dados das participantes da pesquisa, estão dispostos nos gráficos 01 e 02.

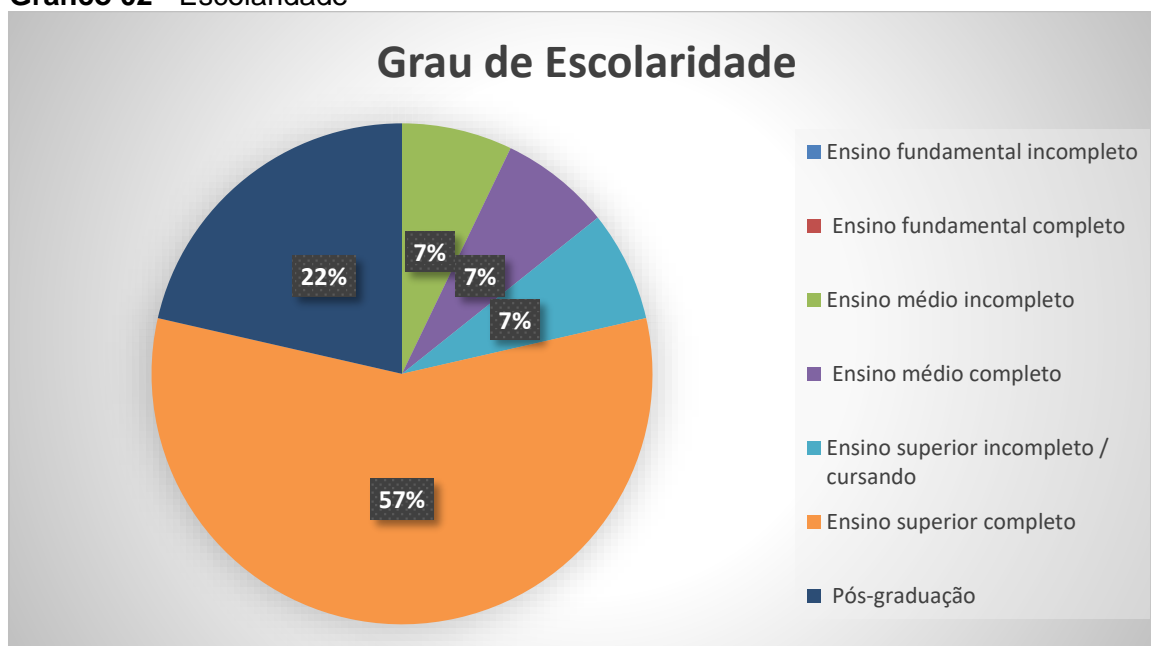
Gráfico 01 – Distribuição por idade



Fonte: Autoras, 2020.

O gráfico 01, sistematizando os dados das participantes demonstra que das 14 mulheres, todas podem ser identificadas como mulheres jovens, com faixa etária de 22 a 27 anos, perfazendo um percentual de 21%, de 28 a 31 anos (36%), de 32 a 38 anos (43%).

Gráfico 02 - Escolaridade



Fonte: Autoras, 2020

O gráfico 02 aponta que com relação ao grau de escolaridade de 57% das participantes tem Ensino Superior Completo, 7% Ensino superior incompleto ou cursando, 7% Ensino médio completo, 7% Ensino médio incompleto e, 22% Pós-Graduação.

Dados do IBGE, apresentados anteriormente, demonstra que as mulheres tem avançado mais que os homens no que se refere ao tempo e grau de escolarização. E, nesta perspectiva, Bruschini (2007), afirma que a expansão da escolaridade e o acesso à universidade são fatores que podem auxiliar as mulheres a conquistarem novas oportunidades no mercado de trabalho.

Categorias de análise

O conteúdo vindo por meio das participantes de pesquisa, permitiu as pesquisadoras construir quatro categorias de análise que evidenciam a percepção

das mulheres sobre questões de carreira, carga de trabalho e, sentimentos de valorização / satisfação. Para a melhor compreensão do fenômeno estudado tais categorias foram analisadas e, aliam-se também a dados quantitativos.

Estas categorias se inter-relacionam de forma dinâmica e, apresentam as dimensões de um mesmo fenômeno, sendo estruturadas a partir dos relatos das participantes da pesquisa e, encontram-se dispostas na figura 01.

Figura 01 – Categorias de análise



Fonte: Autoras, 2020.

A. Percursos profissionais

Para Ramos, Ulbanere e Jesus (2014) percorrendo o caminho profissional, as mulheres acreditaram na ideia de que era possível conciliar casa e carreira e foram à luta construindo uma dupla jornada de trabalho. Enquanto os homens preocuparam-se mais com o poder e ascensão individual, as mulheres seguiram valorizando mais a coletividade do que o individualismo. E, neste sentido, é possível perceber que as mulheres apresentam maior sensibilidade e liderança nas relações humanas e, por isso, se destacam mais em cargos de chefia, procurando encorajar a participação dos empregados, a divisão de responsabilidades e as diversidades individuais de cada membro da sua equipe.

No que se refere as trajetórias profissionais, das participantes da pesquisa, nenhuma está em cargos de liderança, elas possuem posições diferentes entre si. Algumas mulheres falam de sua trajetória profissional, indicando a vontade e até necessidade de trabalhar como é o caso de Anelise, que afirma:

Porque eu gosto, sempre trabalhei no comércio eu não consigo ficar em casa, já tentei ficar em casa quando minha filha nasceu, mas eu

gosto de estar sempre na ativa, de conversar, e eu gosto do que eu faço. Eu comecei a trabalhar com 18 anos em uma loja, e hoje trabalho em uma loja da cidade a 5 anos (Vilma).

Reafirmando a questão da satisfação de trabalhar e, ao mesmo tempo conciliar com a maternidade.

Trabalho já faz mais de 10 anos na mesma empresa, sai em um período porque nasceu meu primeiro filho, um ano e meio e logo depois voltei, pois nesse emprego meu salário é bom e as pessoas que trabalham comigo são pessoas boas também e me sinto valorizada no meu trabalho (Vandresa).

Entretanto, Fernanda ao falar de sua trajetória demonstra que a credibilidade dispensada na delegação de responsabilidades por parte das lideranças foi significativo, mas, que percorreu caminhos diversos em sua trajetória profissional

Sim eu comecei a trabalhar com 16 anos de idade, mas os bicos eu já comecei desde os 12 anos de idade, sempre quis trabalhar e com 16 anos eu comecei a trabalhar no 1,99, e depois eu comecei a trabalhar em um escritório de construção civil, e ali onde eu me interessei em cursar Administração de Empresas, porque eles me deram autonomia para administrar pagamentos, fazer contratação de pessoas onde eu fiquei durante 4 anos, logo trabalhei em uma rádio e hoje estou trabalhando em uma empresa de plásticos (Fernanda).

Algumas mulheres, demonstraram que ficar em casa foi uma opção e, que a maternidade foi propulsora desta decisão, demonstrando ainda quão forte é o elo emocional e cultural da mulher com a maternidade.

Eu não trabalho, mas em casa trabalho muito mais que vocês fora só estando em casa para saber, eu escolhi não trabalhar para poder aproveitar um pouco da minha pequena, pois o tempo passa muito rápido e a gente não consegue aproveitar eles e esse foi o meu maior motivo (Roberta).

As mulheres também vincularam a evolução de suas carreiras ao esforço individual e a escolaridade, demonstrando a importância do trabalho na direção de sua autonomia. Observe que Maiara, retrata sua trajetória de luta e, sua busca de crescimento individual.

No começo eu comecei a trabalhar porque eu queria ter o meu próprio ganha pão para comprar as coisinhas para mim sem ter que pedir dinheiro aos meus pais, e não que eu escolhi mas era a forma de eu estar adquirindo as minhas coisas, sempre gostei de ser independente eu comecei a trabalhar com 14 anos, fazendo faxina, ai depois eu trabalhei na delegacia e depois dali fui evoluindo, daí fui crescendo,

mas até eu cursar a faculdade eu trabalhei para ter meu dinheiro e somente depois pude escolher um emprego que eu gostasse de trabalhar (Maiara).

Corroborando, com o relato de Maiara, no que concerne à autonomia Machado (2018) aponta que, a mesma está vinculada ao saber e, ao conseqüente, poder econômico. Nesta direção indica que, a autonomia apresenta-se de três formas importantes: a autonomia resultante do conhecimento, que compreende a aptidão de entender o mundo e assim fazer escolhas; a autonomia do saber, da qual a autonomia universitária é o expoente; e o papel da educação na conquista da autonomia econômica, a partir das ferramentas que ela oferece aos indivíduos para que desenvolvam suas funções no mundo produtivo.

Valentina também apresentou o desejo da inserção no ensino superior como forma de desenhar sua trajetória profissional, apontando que, a escolarização a colocou num novo cenário profissional.

Então, na verdade a minha infância até os 18 anos trabalhando na roça com meus pais, ajudei eles na agricultura, após isto por questão de sentir que lá no interior morando com eles e completando 18 anos, eu decidi vim morar na cidade já pensando em um emprego, iniciei a faculdade de psicologia, após isso eu trabalhei muitos anos com educação infantil até eu me formar, e daí quando aconteceu de eu me formar eu já estava trabalhando em RH de uma empresa, e hoje decidi montar meu próprio consultório de psicologia, então hoje sou uma profissional liberal e atendo como psicóloga clínica (Valentina).

E, ainda percebendo o trabalho como possibilidade de garantir a autonomia, Sabrina aponta para uma decisão, onde demonstra a carreira permeada pela maternidade, inferindo que,

Sim escolhi porque eu acho que hoje a mulher ser digamos independente, ter um trabalho e uma renda é tudo para não depender do marido, quando eu comecei foi de menor aprendiz na delegacia, depois fui trabalhado no atacado onde fiquei dois anos e de lá fui para metalúrgica e fiquei 6 anos, daí engravidei e depois não voltei, e voltei depois que meu menino fez um ano em uma associação (Sabrina).

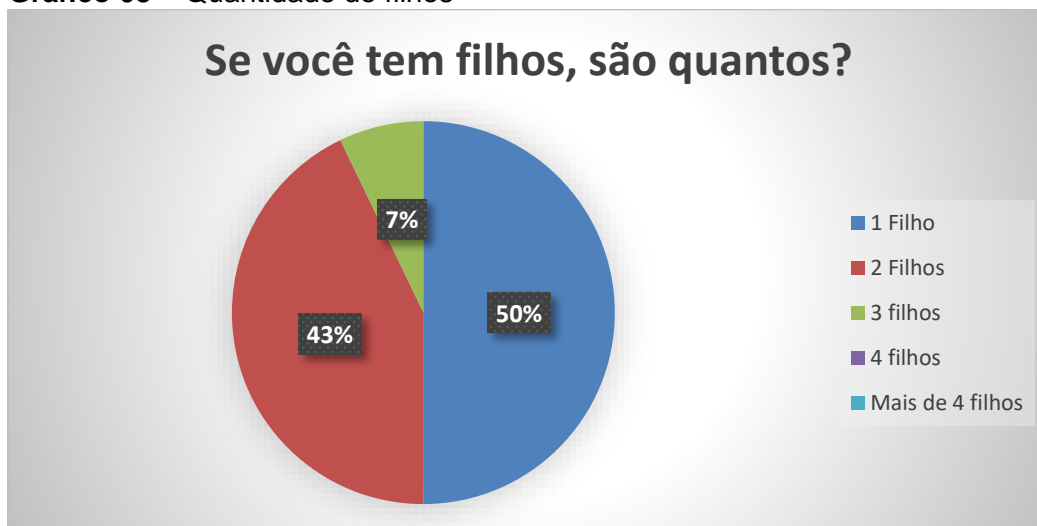
Percebe-se que mesmo diante do desejo de autonomia, especialmente econômica, quando do nascimento do filho, Sabrina faz a opção de interromper por um tempo a trajetória profissional.

B. Maternidade e trabalho

A maternidade traz inúmeras exigências as quais transcendem aos aspectos econômicos e, adentram aos espaços de organização da vida e, aos impactos psicológicos na mulher que passa a lidar com a existência de um pequeno e dependente ser (LEAL, 2013).

Quando estas exigências se somam às exigências do mercado de trabalho, pode haver uma série de consequências. Neste estudo, no que se refere a maternidade, todas as participantes da pesquisa possuem filhos, conforme apresenta-se no gráfico 03.

Gráfico 03 – Quantidade de filhos



Fonte: Autoras, 2020.

No que se refere ao número de filhos, 50% das participantes tem um filho, 43 % tem dois filhos e 7% tem três filhos. Sendo que, destas 79%, apontaram que os filhos estão em idade escolar, exigindo, portanto, acompanhamento.

No que tange aos aspectos psicológicos Fernanda indica que,

Para voltar a trabalhar tive que procurar ajuda de um psicólogo, o que eu consigo fazer é por conta do meu horário as 15:00 horas eu já estou em casa, mas penso que se fosse para trabalhar em horário comercial já seria complicado, eu não ia conseguir fazer metade do que eu faço hoje. Pois meu horário é das 6:00 as 15:00 (Fernanda).

Ela mencionou, ainda, a pesquisadora acima que gostaria de sair do mercado de trabalho por um determinado tempo, para aproveitar o primeiro ano da filha, mas como eu necessita trabalhar, não tem essa opção no momento, tem uma trajetória na empresa e se sair do mercado de trabalho, para depois ter que ir procurar emprego seria mais difícil e daí assim pode dar as coisas melhor para a criança.

O que se percebe é um esforço desta mãe em conciliar os cuidados com a filha, a carreira profissional (sua condição econômica) num movimento que a afetou e gerou sofrimento psicológico.

Em seus estudos Fiorin, Oliveira e Dias (2014) apontaram que existe uma relação clara entre trabalho e maternidade, sendo que algumas participantes indicaram que adiaram a maternidade até conquistarem estabilidade profissional e financeira, demonstrando que existe um esforço destas mulheres para garantir boas condições econômicas no momento da maternidade. O que observa-se na fala de Catarina.

No começo quando eu estava estudando e começando minha carreira profissional eu nem pensava muito nisso sabe, mas depois que eu me casei com um tempo, daí vem a necessidade de ter um filho, mas não tinha planos do segundo filho e daí muda bastante. Até porque depois de uma certa idade a gente sente falta, então o primeiro filho foi planejado, e daí eu conseguia conciliar com o trabalho eu continuei trabalhando normalmente e quando eu tive o segundo eu não tinha ninguém para me ajudar e meu trabalho era muito longe eu tive que optar em sair. Porque daí não compensava eu pagar alguém para cuidar pois tinha que sair as 5 horas da manhã, e daí eu nem ia ver eles crescer (Catarina).

Entretanto, outras participantes desta pesquisa, ao contrário demonstram que abriram mão de aspectos profissionais em função da maternidade, como nos colocou Luurdes.

Eu trabalho em casa sem carteira assinada, com maquiagem, sobancelha e fazendo pão, pois eu queria muito engravidar, e eu já tinha decidido que quando eu engravidasse eu queria ficar em casa, para poder ficar a maior parte do tempo com meu filho, e assim eu poderia conciliar o trabalho e não precisar colocar alguém para cuidar dele ou ter que colocar em creches (Lurdes).

Observa-se que Lurdes, atua em condições precarizadas³ de trabalho, não possuindo direitos legais para consolidar os cuidados necessários ao filho e, ao

³ Entendendo-se aqui que o trabalho que ela desenvolve como manicura, não apresenta garantias

mesmo tempo, coloca esta como uma decisão consciente e, planejada. Indicando ainda que, busca trazer ao filho vivências que para ela não foram possíveis.

No mesmo direcionamento que a fala de Lurdes, outra participante aponta para a decisão clara de abrir mão do trabalho para cuidar dos filhos.

Então por ser mãe, eu tenho uma filha de 13 anos e um menino de 3 anos, na minha primeira gestação eu trabalhava, então eu criei ela até os 8 anos de idade trabalhando e quando eu resolvi optar pela maternidade novamente, eu me programei para que eu ficasse em casa, porque a primeira filha eu tive que colocar na escolinha com 9 meses e eu deixei de aproveitar e gostar do que eu gosto de fazer que é ser mãe, a maternidade para mim é uma coisa muito prazerosa, então eu ser mãe e largar a criança em uma escolinha que é a fase mais gostosa eu não quis, não que eu não vá trabalhar um dia, mas o meu menino estando maior. Então enquanto pequeno e a gente nesta fase ensina a personalidade e o caráter da criança, pois isso cabe aos pais a cuidar, eu quero estar com ele. Porque vejo a diferença da minha mais velha para ele, por eu estar em casa (Bernadete)

Outra participante, se posiciona de forma um pouco diferente, retratando algumas angústias neste sentido.

Hoje estou trabalhando com meu marido ele tem uma empresa e eu trabalho em casa, mas vejo que as pessoas não consideram que a gente que trabalha em casa esteja no mercado de trabalho, eu até fiz umas entrevistas, mas me disseram que eu estava fora do mercado de trabalho a dois anos. Eles não veem uma empresa familiar com uma empresa normal, eles acham que é diferente, mas não é. Antes de ter os filhos eu trabalhava em uma empresa fora da cidade, daí tive que sair por causa dos filhos, daí quando resolvi voltar para o mercado de trabalho novamente já não era mais a mesma coisa, até porque eu trabalhava eu já tinha uma certa estabilidade, daí começar em outra empresa já não é fácil, daí com dois filhos eles já te olham de outra forma, porque querendo ou não o filho fica doente, tem que levar no médico. Ai a gente optou a tentar desta forma eu trabalhar em casa. Quando eu entrei no mercado de trabalho foi mais por necessidade, porque querendo ou não a gente tem que trabalhar, mas quando a gente não tem família, não tem marido não tem filho, é um pouco diferente, a gente se dedica bastante para o trabalho porque daí chega em casa descansa, com filho tem que chegar em casa dar atenção para o filho, deixar as coisas prontas para o outro dia e querendo o não requer mais tempo, e com filho não se fica 100 por cento no trabalho. Mas hoje trabalhar tendo o escritório em casa é bem diferente, tem que estar preparada psicologicamente, porque as crianças ficam comigo e daí preciso conciliar trabalho com os filhos. Então trabalhando em casa tenho que dar prioridade aos trabalhos domésticos e depois eu faço o trabalho da empresa (Catarina).

para que a mesma possa utilizar-se de benefícios sociais.

Deste modo, percebe-se neste estudo, que algumas mulheres escolheram dar espaço a maternidade em detrimento de suas carreiras profissionais, enquanto outras, continuaram assumindo a maternidade e, a carreira. Bem como, muitas atrasaram os planos de maternidade em função da carreira profissional

C. Carga de trabalho

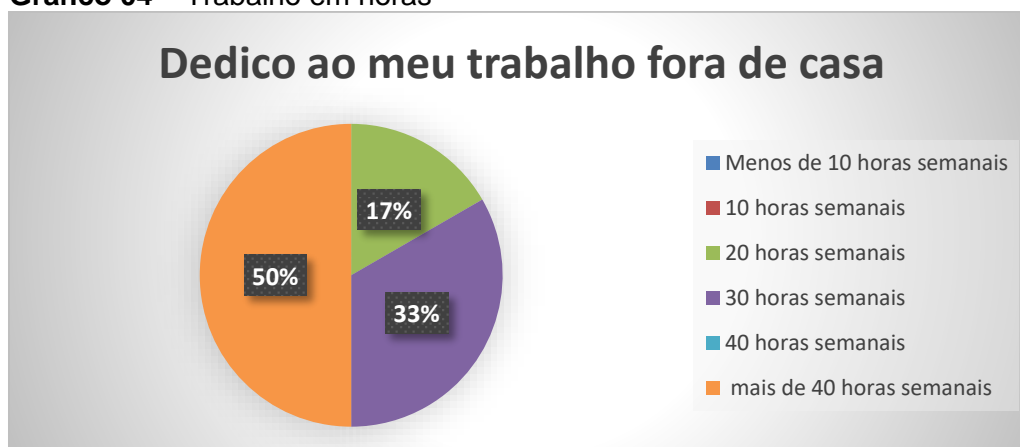
Com o passar do tempo e, com o advento da globalização as exigências do trabalho foram ganhando novas formas, gerando novas relações de sobrevivência e de competição, o que se estendeu aos profissionais homens e mulheres.

Entretanto, estudos apontam que no caso das mulheres as exigências profissionais são inúmeras e, que a situação agrava-se com a crescente demanda por qualificação, exigindo que essas trabalhadoras cumpram, muitas vezes, três jornadas de trabalho: profissional, familiar e educacional.

Na verdade, a presença expressiva de mulheres no mercado de trabalho mostra que elas vêm ampliando continuamente sua participação nos mais diversos cargos e funções, no entanto, continuam sendo as principais responsáveis pelas atividades do lar e pelo cuidado dos filhos (VIEIRA; AMARAL, 2013).

Este estudo apontou, no que concerne à carga horária de trabalho que 88% das mulheres participantes da pesquisa, somam sua carga de trabalho doméstico com a carga horária de trabalho externo, que está disposta conforme gráfico 04.

Gráfico 04 – Trabalho em horas



Fonte: Autoras, 2020.

Observa-se no gráfico 04, que a grande maioria (50%) das mulheres dedicam mais de 40h semanais as atividades profissionais, 33% 30 horas semanais e, 17% 20h semanais. E, como apresentado anteriormente, praticamente, todas somam esta jornada às atividades domésticas. Além disso, 78,57% das participantes afirmou que a maior parte do tempo os cuidados com os filhos são de sua responsabilidade.

Neste sentido, Vilma demonstra que sua jornada é intensa,

Começa cedo é bem corrido, acordo as 6 horas da manhã, daí organizo a casa para pegar no trabalho as 8:00 horas, daí as 11:00 horas da manhã é meu horário de almoço, daí eu almoço na loja eu não venho para casa. Daí as 19:00 horas eu chego em casa e daí vou fazer a janta com os dois celulares ligados, daí fico respondendo as mensagens e nesse tempo fico fazendo a janta e também olhando as meninas. Daí todos os dias depois das 21:00 horas que é o momento que eu paro daí todos os dias a gente vê um filme com as meninas juntas, eu não consigo brincar com elas. Mas daí elas gostam de ver um filme e uma televisão. No sábado eu trabalho até as 15:00 horas, então eu acordo as 5 horas da manhã e faço a faxina, daí vou trabalhar, eu faço assim para poder ter tempo para elas no sábado e antes eu ia fazer a faxina depois do trabalho no sábado mais eu não tinha tempo para elas (Vilma).

Na verdade, ao olhar para a fala de Vilma percebe-se, como no estudo de Coelho que, nas últimas décadas muitas foram as conquistas das mulheres no mundo, permitindo maior ingresso ao mercado de trabalho e ao mesmo tempo maior autonomia; entretanto, estes importantes avanços podem trazer impactos negativos na medida em que, “também contribuem para o estresse e as tensões que afetam de forma impactante os comportamentos e modos de vida femininos” (COELHO, 2002, p.13)

Nesta direção, Francisca reafirma o que nos traz a literatura, indicando que assume trabalho autônomo, função doméstica e, os cuidados com o filho.

Eu não trabalho na área que eu me formei, eu trabalhei durante 12 anos na Educação, depois por opção minha eu comecei a trabalhar com artesanatos e isso eu já realizava junto com meu trabalho na educação dando aula e nas horas livres eu fazia a parte de artesanato. Daí teve um período que eu decidi não atuar mais em sala de aula, daí parei e fiquei somente com o Bordado. Além do cuidado com o bebê que está bem complicado em tempo Integral, o meu trabalho eu realizo em casa, e junto o trabalho doméstico (Francisca).

No mesmo, caminho Maristela se pronuncia,

Na verdade, antes eu trabalhava fora de casa, mas daí como meu marido tem os caminhões e eu tinha a menina pequena eu optei por trabalhar em casa para cuidar do que é nosso, mas eu acho que é mais puxado a gente trabalhar em casa do que fora, pois, querendo ou não eu não tenho horário definido, eu que trabalho em casa é tudo junto, ou sai para fazer o almoço ou atender o filho, daí já tem roupa para colocar no tanque (Maristela).

O que é possível perceber nestes discursos é que existe um espaço de tensão no que se refere as responsabilidades da mulher e, a distribuição das atividades que realiza ao longo do dia, mesmo entre as mulheres que trabalham em casa. Deste modo, pode-se inferir que neste estudo, como no estudo de Costa (2018, p. 16),

[...] a dinâmica da emancipação feminina consiste em uma combinação complexa entre a importância crescente de obter e consolidar sua competitividade no mundo do trabalho e o desejo de manter um papel de destaque na esfera privada, isto é, cumprir com as novas exigências de autonomia individual, sem desvencilhar-se de seu lugar de liderança nas atividades domésticas.

Neste sentido, o estudo evidencia que mesmo a mulher que tem carreira profissional estabelecida, continua com a responsabilidade das atividades domésticas, o que algumas participantes indicaram como um acúmulo de funções.

No mundo do trabalho, embora sua participação percentual venha aumentando, as mulheres continuam não alcançando cargos mais elevados nas empresas ou nas instituições privadas ou públicas. A explicação comum é que elas não se interessam pelo espaço público e ou que suas carreiras são interrompidas pela maternidade (BRUSCHINI, 2007).

Considerações Finais

As mulheres foram ao longo da história da humanidade conquistando direitos e adentrando ao mundo do trabalho, entretanto, ainda existem desigualdades entre homens e mulheres. Pensando nesta perspectiva, este estudo foi norteado pelo objetivo de compreender como as mulheres percebem suas posições no mercado de trabalho em um município do sul catarinense, considerando opção ou necessidade de atuar profissionalmente, permitindo perceber uma história de avanços e recuos e, de esforço constante na conciliação de atividades domésticas e profissionais.

O estudo permitiu ainda perceber que as mulheres percebem de forma diferente a carreira profissional, assim como apresentam necessidades diferenciadas a partir desta, sendo que algumas constroem a carreira e, outras fazem a opção por destinar seu tempo ao cuidado com os filhos e as atividades domésticas.

Observou-se que de um lado existem mulheres que buscam seu crescimento profissional, sendo grande parte delas com ensino superior e, de outro lado mulheres que tinha uma carreira e tiveram que deixar por um determinado tempo, tendo que trabalhar com o marido ou dedicar-se a atividades domésticas.

Nas entrevistas as mulheres que se dedicam ao trabalho e conciliando a maternidade, relatam que o número de horas trabalhadas impossibilita o convívio familiar desejado com os filhos, pela dificuldade de conciliar todos os papéis. Ao mesmo tempo que as mulheres valorizam seus ganhos e carreiras profissionais, elas lamentam que muitas vezes não é fácil conciliar a casa e o trabalho e que se pudessem ter a opção de ter menos horas de trabalho fora do lar elas poderiam ter um tempo a mais para os cuidados com os afazeres domésticos e, tempo para elas.

As mulheres que optam em largar sua carreira profissional para se dedicar aos filhos e os afazeres domésticos elas se sentem felizes, por poder cuidar e dar mais atenção ao cuidado do lar e tem uma satisfação por poder viver este momento, mesmo que muitas vezes elas se sintam desvalorizadas pelas pessoas que acham que elas não fazem nada.

Também foi possível identificar que algumas mulheres atrasam a maternidade em função de sua carreira, primando primeiro por colocar-se no mercado de trabalho, dando espaço a sua formação, para num momento posterior, ser mãe. Observou-se que as mulheres entrevistadas começaram a trabalhar muito cedo para ter sua independência e, assim buscando se especializar para poder ter um emprego que pudesse dar uma estabilidade financeira para que depois fosse possível ter seus filhos. Isso é um ponto que podemos destacar demonstrando que as mulheres tendem a buscar o planejamento familiar.

A maneira como as participantes do estudo se relacionam com a maternidade difere-se, na medida em que, parte destas priorizam a maternidade, dando amplo sentido a mesma, outras já lidam com a mesma de forma mais objetiva. Outro fator que se apresentou foi o baixo número de filhos, que se conecta a necessidades destas mulheres de gerenciar sua própria vida e, organizá-la.

No que tange as tarefas, o estudo permite perceber que ainda as tarefas domésticas se consolidam como um trabalho da mulher, sendo que as participantes da pesquisa demonstram acumular funções e, se equilibram entre trabalho profissional, atividades domésticas, cuidado e acompanhamento dos filhos nas questões escolares.

Um dos contrapontos é que ao mesmo tempo que a sociedade cobra da mulher o exercício pleno da maternidade e, sua dedicação aos filhos, as mulheres que optam em não trabalhar para estar em casa, afirmam sofrer preconceitos e, em alguns relatos até sentirem-se envergonhadas por este fato. Na verdade, demonstram que o trabalho doméstico e, a maternidade, são pouco valorizados socialmente.

Neste sentido, o estudo possibilitou um olhar sobre estas mulheres, sua relação com aspectos profissionais e a maternidade, sabe-se que o estudo não encerra-se aqui, impulsionado novas questões para aprofundamento.

Referências

ABRAMO, Laís Wendel. **A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força de trabalho secundária?** Tese. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia, Programa de Doutorado em Sociologia, 2007. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-23102007-141151/publico/TESE_LAIS_WENDEL_ABRAMO.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2020.

ALBORNOZ, Suzana. **O que é Trabalho**. Coleção Primeiros Passos, 6. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2017.

BRUSCHINI, C. **Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos**. Texto apresentado no Seminário Internacional Gênero e Trabalho (MAGE/FCC), realizado no Brasil (São Paulo e Rio de Janeiro), de 8 a 12 de abril de 2007.

BRUSCHINI, Cristina. LOMBARDI, Maria Rosa. Mulheres e homens no mercado de trabalho brasileiro: um retrato dos anos 1990. In: MARUANI, Margareth e HIRATA, Helena. **As novas fronteiras da desigualdade**: homens e mulheres no mercado de trabalho. São Paulo: SENAC, 2003.

COELHO, Virginia Paes. **Trabalho e maternidade no cotidiano de professoras do ensino superior**. Santo Amaro: UNISA – Universidade de Santo Amaro, 2002.

COLMÁN, Evaristo; DALA POLA, Karina. Trabalho em Marx e Serviço Social. **Serviço Social em Revista**, v. 12, n. 1, UEL, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/pdf/2009/2009_2/Artigo%20evaristo.pdf>. Acesso em: 01 jun 2020.

COSTA, Fabiana Alves da. **Mulher, trabalho e família**: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e em suas relações familiares. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas* v. 3, n. 6, jul./dez. 2018 – ISSN 2448-0738. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15986>>. Acesso em: 20 Out. 2020.

D' ALONSO, G.L. Trabalhadoras brasileiras e a relação com o trabalho: trajetórias e travessias. *Psicol Am Lat. México*. N.15, dez. 2008. Disponível em <<http://www.inesc.org.br>> Acesso em 17 de setembro de 2012.

FIORIN, Pascale Chechi; OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de; DIAS, Ana Cristina Garcia. Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. *Rev. bras. orientac. prof*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 25-35, jun. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902014000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 jul. 2020.

SANTOS, L. **Desempenho econômico e mercado de trabalho catarinense à luz da dinâmica nacional**: algumas evidências a partir dos anos 1990. 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v.37, n.132, p.595-609, set./dez. 2007. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf/%20%20%20%20%20%20%20>>. Acesso em: 01 jun 2020.

IBGE. PNAD contínua de gênero. **Biblioteca IBGE**, liv. 101551_informativo, 2016. Disponível em: <[biblioteca.ibge.gov.br › livros › liv101551_informativo](http://biblioteca.ibge.gov.br/livros/liv101551_informativo)> Acesso em: 20 out. 2020.

IBGE. PNAD contínua de gênero. **Biblioteca IBGE**, liv. 101553_informativo, 2019. Disponível em: <[biblioteca.ibge.gov.br › livros › liv101551_informativo](http://biblioteca.ibge.gov.br/livros/liv101551_informativo)> Acesso em: 20 out. 2020.

IPEA, INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Impacto da Crise sobre as mulheres**. Brasília: Ipea, 2009. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories>>. Acesso em: 20 Out. 2020.

KUHNEN, Ariane; CRUZ, R. M.; TAKASE, E. (Org.) . *Interações Pessoa-Ambiente e Saúde*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

LEAL, Cláudia Luiz Leal. **Maternidade distanciada**: vivências de mães sobre o ajuste entre maternidade e profissão, da gestação ao retorno ao trabalho. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

LUKÁCS, G. **Ontologia do ser social**: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

LUKÁCS, G. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível. São Paulo: Boitempo, 2010.

MACHADO, Mônica Sapucaia. **As mulheres brasileiras e o acesso à educação superior**: conquista de autonomia ou reafirmação da desigualdade? 2018. 217 f. Tese (Direito Político e Econômico) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/3761>>. Acesso em: 06 jul. 2020.

MAIA, Katy; LIRA, Sachiko Araki. A mulher no mercado de trabalho. **IPEA**, 2004. Disponível em: <www.ipea.gov.br/seminários/artigo11>. Acesso em 01 jun 2020.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. 4. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MOW – International Research Team The meaning of work New York, Academic Press, 1987.

MORAES, Adriana Zomer De; CRUZ, Tânia Mara. Estudantes de engenharia: entre o empoderamento e o binarismo de gênero. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 48, n. 168, p. 572-598, June 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742018000200572&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 Out. 2020.

PROBST, Elisiana Renata; RAMOS, Paulo. **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. Florianópolis, Instituto Catarinense de Pós-Graduação, 2014. Disponível em: <http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/artigo_jan_gen_a_evolucao_da_mulher_no_mercado_de_trabalho.pdf>. Acesso em: 05 mai. 2020.

RAGO, Margareth. **Epistemologia Feminista, Gênero e História. Territórios de Filosofia**. Disponível em <<https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2015/07/20/881/>>. Acesso em: 05 jun 2020.

RAMOS, M. O.; ULBANERE, R. C.; JESUS, B. S. Mulheres no Mercado de Trabalho. **Revista Científica integrada**, ed. 4, p. 1498-1506, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&pid=S1982-6125201800030008100020&lng=en>. Acesso em 10 Out. 2020.

SANTOS, L. Desempenho econômico e mercado de trabalho catarinense à luz da dinâmica nacional: algumas evidências a partir dos anos 1990. **UFSC**, 2012. Disponível em: <<https://necat.ufsc.br/textos-para-discussao/>>. Acesso em: 12 Out. 2020.

SOUSA, Luana Passos de; GUEDES, Dyeggo Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estud. av.**, São Paulo, v. 30, n. 87, p. 123-139, Ag. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142016000200123&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 Nov. 2020.

THEBAUD, F. **História das mulheres no Ocidente**. Porto Alegre: Edições Afrontamento.1991.

VASCONCLEOS IS. Mulher e mercado de trabalho no brasil: notas de uma história em andamento. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais, História e Relações Internacionais**, 2013. Disponível em: <<https://revista.ufr.br/examapaku/article/view/1497>>. Acesso em 20 Out. 2020.

VIEIRA, M. M. F. e ZOUAIN, D. M. **Pesquisa qualitativa em administração**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VIEIRA, Adriane; AMARAL, Grazielle Alves. A arte de ser Beija-Flor na tripla jornada de trabalho da mulher. **Saude soc.**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 403-414, Jun 2013 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902013000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 Nov. 2020.